

Dornbusch aponta teoria da conspiração

■ Mercado financeiro de Nova Iorque estaria sabotando os negócios na Ásia para deixar "tigres" de joelhos e eliminar a concorrência

85

GISELA CAMPOS

DESIGUALDADES SOCIAIS

"O Brasil é o país com as maiores desigualdades do mundo"

BRASIL

"O Brasil não fará nada porque tomar decisões duras não faz parte da cultura brasileira".

ARGENTINA

"O Brasil não é a Argentina onde a privatização gera confiança e oportunidades para investidores estrangeiros. A Argentina, deve ser lembrado, teve uma taxa de crescimento nos anos 90 que foi o dobro da brasileira! A taxa média de crescimento do Brasil será medíocre enquanto não atingir a média argentina. A Argentina já mostrou, em 1995, durante a crise do efeito Tequila, ser capaz de tomar decisões firmes de não desvalorizar sua moeda. Nenhum político argentino pensaria em desvalorização, isto simplesmente criaria muito mais problemas para a Argentina do que soluções. A mesma coisa é verdade no Brasil, só que a Argentina fez seu regime monetário funcionar estimulando a competição e reestruturando toda sua economia, enquanto que aí no Brasil, se é que o governo fez algo, fez o contrário".

CRISE

"Quando a crise vier, e virá, ela vem muito mais rápido do que você imagina e muito antes do que você espera".

DESVALORIZAÇÃO

"Há sempre uma maneira de adiar a desvalorização da moeda".

GOVERNO BRASILEIRO

"O governo brasileiro optou por capitalizar a única coisa que conquistou, a chamada inflação baixa e está de olho nas eleições do ano que vem. A recessão, mesmo com as medidas tomadas pelo governo, prejudicará as reservas e a maioria das medidas tomadas pela equipe econômica serão adiadas e só

O mercado financeiro de Nova Iorque pode estar conspirando contra a Ásia, seu maior competidor externo. E o Brasil foi junto, no mesmo golpe conspiratório, já que é um dos países que ameaçam o mercado americano, afirma Rudiger Dornbusch. "Eles", segundo Dornbusch, "encontram o lado mais fraco da corda e aproveitam para rompê-lo". Assim, "eles" vão roendo a corda. "E um após outro, os tigres vão caindo, ajoelhando-se, diante do império americano". O Brasil, quem diria, seria um dos "tigres" a rugir mais baixo. A declaração causa impacto, mas o próprio Dornbusch admite que seria mais plausível reconhecer que o efeito dominó que derrubou as bolsas de todo o mundo nos últimos meses foi resultado dos mecanismos de investimentos estrangeiros feitos pelos Fundos dos Mercados Emergentes e dos empréstimos feitos à Ásia. Segundo Dornbusch, os brasileiros não perdem por esperar: vem mais por aí. O economista alemão Rudiger Dornbusch é o próprio tufão. Por onde passa, vai arrasando quarteiros com suas análises e previsões bombásticas. Ele acaba de chegar de um giro pelos países asiáticos, onde passou duas semanas avaliando os acontecimentos. Em entrevista exclusiva ao JORNAL DO BRASIL, concedida via Internet, Dornbusch diz que "a performance econômica da América Latina no próximo ano será dominada pelo Brasil". Segundo ele, "se a recessão brasileira for muito grave e profunda, a questão da estabilidade da moeda será crucial para definir os destinos econômicos do país". Apesar do elogio, Dornbusch faz um alerta: o Brasil está à beira do abismo. "A negligência do governo com a taxa de câmbio que, aliás, não é uma surpresa para mim, tornou-se um problema central, crítico".

acontecerão depois das eleições, no final de 1998".

RECESSÃO

"A recessão não vai durar muito. Felizmente, será por curto tempo e vai apenas "tranquilizar" os investidores estrangeiros. O problema brasileiro não se resolverá com uma "simples" recessão. Ela não é resposta para todos os problemas e o governo brasileiro precisa mudar sua história, desvalorizar, sim, o real e reduzir os déficits interno e externo."

TAXAS DE JUROS

"As altas taxas de juros reduzirão a

liquidez, além de segurar o câmbio, mas será que vai dar certo? Elas prejudicam a receita, mas a recessão ajuda a reduzir o déficit externo"

PREVISÕES

"O Brasil está diante de duas possibilidades: todas dependem dos tigres asiáticos, os mesmos que, segundo a teoria conspiratória, estariam sendo atacados pelos investidores americanos assustados pela sua economia emergente os tigres. De um lado, se a situação econômica da Ásia piorar muito, incluindo aí um eventual "descuido" da Coreia do Sul. E neste caso vale ressaltar que não descartar a possibilidade de a Coreia pedir mo-



Dornbusch: "O problema brasileiro não se resolve com recessão"

ratória, como fez em 1982. Se isso acontecer, então, o Brasil sofreria uma pressão econômica muito forte. Mas, por outro lado, se a situação na Ásia se acalmar, e até mesmo conseguir a façanha de atrair investidores, o "estado de sítio" econômico em que o Brasil está faria menor pressão, isolaria menos o país e a economia passaria sim pela inevitável recessão, porém leve e passageira.

OUTUBRO

"Há poucas semanas, parecia perfeitamente plausível que houvesse uma mudança no cenário econômico brasileiro, com uma imediata desvalorização do real. Mas o governo mostrou

pulso firme, anunciou as medidas econômicas e hoje o país percorre um caminho que vai dar numa bifurcação. Tudo diretamente ligado à Ásia".

RESERVAS

"O país não o cometerá o erro de desperdiçar suas reservas."

CAPITAL EXTERNO

"Será que os investidores ganharão confiança e voltarão a atuar como antes no Brasil? Os investidores verão o Brasil como um problema. Que, assim como o Japão, não soluciona suas questões, e sim, adia o enfrentamento de suas decisões. Vai demorar".

Roberto Faustino - 22/5/96